

# Ensaaios de Geografia Crítica

# Ensaaios de Geografia Crítica



**José William Vesentini**



José William Vesentini

# Ensaio de Geografia Crítica

História, epistemologia e (geo)política

EP

Editora Plêiade

São Paulo

2009

Copyright © 2009, José William Vesentini  
Direitos Reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo, sem  
autorização expressa do autor e do editor.

Capa: Débora Gomes Décio.  
Revisado pelo autor.

Ficha de Catalogação

V575e Vesentini, José William  
Ensaios de geografia crítica: história, epistemologia e  
(geo)política / José William Vesentini. - São Paulo: Plêiade, 2009.  
220 p.

ISBN: 978-85-7651-111-3

1. Geografia – História 2. Geografia - Filosofia I. Título

CDU 91

(Bibliotecária responsável: Elenice Yamaguishi Madeira – CRB 8/5033)

Conselho Editorial – Plêiade

Profa. Dra. Beatriz Lage - USP  
Profa. Dra. Lídia Almeida Barros - UNESP  
Prof. Dr. Erasmo de Almeida Nuzzi - Fund. Cásper Líbero  
Prof. Dr. Flávio Calazans - UNESP  
Prof. Dr. Gustavo Afonso Schmidt de Melo - USP  
Prof. Dr. José Henrique Guimarães - USP  
Prof. Dr. Luís Barco - USP  
Prof. Dr. Maurizio Babini - UNESP  
Prof. Dr. Nelson Papavero - USP  
Prof. Dr. Ricardo Baptista Madeira - UniFMU  
Prof. Dr. Roberto Bazanini - IMES-SC

Editora Plêiade

Rua Apacê, 45 - Jabaquara - CEP: 04347-110 - São Paulo/SP  
info@editorapleiade.com.br - www.editorapleiade.com.br  
Fones: (11) 2579-9863 – (11) 2579-9865

2009  
Impresso no Brasil

## SUMÁRIO

Apresentação .....	7
Uma ciência periférica? Reflexões sobre a história e a epistemologia da geografia .....	11
Controvérsias geográficas: epistemologia e política.....	53
O que é crítica? Ou qual é a crítica da geografia crítica? .....	101
Geografia crítica no Brasil: uma interpretação depoente .....	127
A questão da natureza na geografia e no seu ensino.....	158
A atualidade de Kropotkin, geógrafo e anarquista.....	173
A crise da geopolítica brasileira tradicional: existe hoje uma “nova geopolítica brasileira”?.....	197
Golbery do Couto e Silva, o papel das forças armadas e a defesa do Brasil .....	211



## APRESENTAÇÃO

Os escritos aqui reunidos foram elaborados em distintas ocasiões – alguns em 2001 e outros mais recentemente – e abordam, sob diversos prismas, a história, a epistemologia e a política da/na geografia, além da geopolítica brasileira. Alguns são inéditos e outros foram publicados anteriormente em revistas acadêmicas e/ou eletrônicas, mas, em geral, foram lidos por poucos em função da fraca tiragem e da escassa penetração desse tipo de periódico. A ordem em que se encontram foi uma escolha subjetiva. De fato, cada um deles é autônomo e pode ser lido independentemente dos demais.

Os dois primeiros textos desta coletânea tratam da história e da epistemologia da geografia. O primeiro discute o que é cientificidade, qual é a natureza epistemológica da geografia e em que sentido se pode afirmar que as ciências humanas, como também a geografia, são ciências periféricas. Esse ensaio na verdade procura evidenciar como o projeto epistemológico da geografia, no século XIX – em especial com Humboldt –, ficou à margem tanto da crescente especialização nas ciências naturais, que abandonaram o ideal grego de um estudo integrado da natureza, como também da noção historicista – o homem como um produto do tempo histórico, e não mais das condições naturais, que através de revoluções atinge a sua maioria – que estruturou as ciências humanas nesse período.

O segundo ensaio versa sobre aqueles que provavelmente foram os três mais importantes debates ocorridos na história da geografia: a polêmica sobre o determinismo, deflagrada por autores franceses a partir da leitura de uma obra de Ratzel; a discussão a respeito do

excepcionalismo da geografia ou sobre que tipo de ciência ela é, ocorrido nos Estados Unidos nos anos 1950; por fim, o embate entre Kropotkin e Mackinder, na Inglaterra vitoriana, sobre o que é ou o que deveria ser a geografia. Procuramos demonstrar que essas três polêmicas se entrecruzam e continuam atuais, ou seja, prosseguem sendo questões epistemológicas e políticas cruciais da ciência geográfica.

Os escritos quarto e cinco encetam uma discussão sobre o que é crítica, como esta vem sendo entendida na geografia crítica e quando e como esta se instalou no Brasil. Isso significa que também eles têm um caráter histórico e epistemológico, além de sua evidente expressão política. O quinto ensaio enfoca a questão da natureza na geografia e no seu ensino. Também é uma contribuição para o que deve ser afinal uma geografia crítica, ou melhor, sobre como ela deve incorporar a questão da natureza, embora neste caso circunscrita à atividade educativa.

O sexto texto é um longo comentário sobre a obra do geógrafo e anarquista Kropotkin, o grande marginalizado nos estudos relativos à história do pensamento geográfico. Procuramos demonstrar a inegável atualidade das ideias desse pensador *avant-garde* do final do século XIX e inícios do XX. Apesar de a primeira versão desse artigo ter sido redigida em 1986, como introdução a uma antologia de textos do intelectual russo, reescrevemos e ampliamos o escrito para incluí-lo nesta obra, o que significa que em grande parte ele é original.

Finalmente, os dois últimos ensaios desta antologia tratam da geopolítica brasileira. Um deles discute o significado da escola geopolítica brasileira e porque ela ingressou numa crise a partir dos anos 1980. O outro aborda determinadas ideias de Golbery do Couto e Silva, o mais célebre dessa plêiade de pensadores geopolíticos que desde a década de 1920 procurou (re)pensar os rumos do Brasil.

Qual seria a unidade deste conjunto de ensaios? Eles representam tentativas, em diversos assuntos – embora não tão afastados –, de construir uma geografia crítica a partir do significado moderno e kantiano desse adjetivo. Crítica que não se confunde meramente com “falar mal” dos objetos enfocados, entendimento amiúde encontrável entre alguns geógrafos autoproclamados radicais ou críticos. Por sinal,



procuramos também mostrar as diferenças, mesmo que relativas, entre uma atitude crítica e uma radical. Objetivamos construir uma geografia crítica, antes de mais nada, democrática e pluralista no sentido epistemológico apontado, por exemplo, por Habermas<sup>1</sup>. Pluralismo epistemológico que dialoga com várias correntes do pensamento, que aproveita elementos de cada uma, embora sempre procurando manter uma coerência teórica e uma correspondência com os fatos. Pode-se, ainda, recordar da leitura de Edgar Morin da complexidade epistemológica<sup>2</sup>, na qual não se trata mais de ser positivista (embora tenha algo aqui a ser resgatado), nem dialético (idem), tampouco apenas fenomenológico, estruturalista ou historicista, mas aceitar a complexidade do real e a validade, pelo menos parcial, de cada uma dessas perspectivas em determinados itens ou aspectos.

Incoerência? Pontos de vista contraditórios e irreconciliáveis, como diriam os dogmáticos? De maneira nenhuma. Até poderia ser um discurso incoerente se não houvesse uma coesão teórica interna e, principalmente, uma preocupação em se adequar aos fatos. Sem a menor intenção de nos igualarmos e estes, cabe lembrar que, conforme esclareceu Hannah Arendt<sup>3</sup>, todo grande pensador utiliza ideias aparentemente contraditórias, fazendo uso, à sua maneira, de autores clássicos variados e que construíram teorias por vezes tidas como antinômicas.

Se esta obra suscitar a crítica e o debate estaremos plenamente satisfeitos. Este é precisamente o seu objetivo: apresentar outros olhares, outras falas sobre determinados temas onde vem imperando, no Brasil, nos últimos anos, uma visão unilateral e hegemônica. Acreditamos no espírito acadêmico e científico, isto é, de livre debate, de crítica fundamentada, de crescimento a partir do diálogo com os outros. A construção do conhecimento, inclusive nas ciências, é uma atividade social alicerçada numa racionalidade comunicativa. Dessa forma, *quod scripsi, scripsi*; e *urbi et orbi*. Que venham agora as críticas, exceto – como ironizaram dois intelectuais alemães que viviam

---

<sup>1</sup> HABERMAS, J. *A ética da discussão e a questão da verdade*. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

<sup>2</sup> MORIN, E. *Introduction à La pensée complexe*. Paris, Seuil, 2005.

<sup>3</sup> ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo, Perspectiva, 1979.

na Inglaterra vitoriana – aquelas roedoras dos ratos. Que venham enfim os reclames, as correções, as discordâncias, os adendos, os acréscimos, a complementação... Não existe um destino melhor para qualquer obra intelectual do que ter sido útil para o avanço de algum tipo de conhecimento.

São Paulo, abril de 2009.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

